

YOLANDA ESTES E A PROSTITUIÇÃORafael Leopoldo⁷⁰

Resumo: Este artigo tem o intuito de salientar dois trabalhos da filósofa Yolanda Estes. Os dois textos são *Moral reflections on prostitution* (Reflexões Morais sobre a Prostituição) e *Prostitution: a subjective position* (Prostituição: uma posição subjetiva). Este último artigo é uma reelaboração do primeiro. Ambos os textos tratam a respeito do tema da prostituição em um viés moral e pessoal. Pondero sobre toda a argumentação do segundo artigo de Estes para compreendermos porque para a filósofa a prostituição é algo degradante, moralmente ruim, e que somente pode fracassar como uma experiência individual tanto para o cliente como para a prostituta. Após, a análise do artigo faço algumas considerações sobre o trabalho da prostituição como uma atividade corporal e sua relação com o preconceito e os estigmas.

Palavras-chaves: Prostituição, Regulamentação da Prostituição, Subjetividades, Serviços corporais.

YOLANDA ESTES AND THE PROSTITUTION

Abstract: This article aims to emphasize two works by Yolanda Estes. The two texts are *Moral reflections on prostitution* and *Prostitution: a subjective position*. The last article is a modification of the first. Both texts deal on the issue of prostitution in a moral and personal way. I ponder all the arguments of the second of these articles to understand the reason of the philosopher understand prostitution as something degrading, morally bad, and that prostitution fail as an individual experience and fails for the client and the prostitute. After the analysis of the article, I make some considerations about the work of prostitution as a bodily activity and its relationship with the prejudice and stigma.

Keywords: Prostitution, Regulation of the Prostitution, Subjectivities, Service bodies.

⁷⁰ Graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2012) e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2015). Atualmente é professor de filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: ralasfer@gmail.com

Introdução à Filosofia da Sexualidade

O que é conhecido predominantemente nos Estados Unidos como *Filosofia da Sexualidade* teve o seu início com o filósofo, Alan Gerald Soble, que funda em 1977 a *Sociedade para a Filosofia do Sexo e do Amor*. Alan Soble nasceu na Filadélfia, Pensilvânia, em 4 de março de 1947 e formou-se em Biologia pela Allbright College em 1969. Fez mestrado em Farmacologia (1972) e Doutorado em Filosofia (1976) pela State University of New York em Buffalo. Em 1977, como professor adjunto de filosofia da Universidade do Texas, em Austin funda a *Sociedade para a Filosofia do Sexo e do Amor*, na qual permaneceu como diretor até 1992.

Alan Soble consolida este primeiro momento de uma Filosofia da Sexualidade com a publicação de diversos livros, artigos e ensaios. Dentre os mais conhecidos livros de Alan Soble estão: *Sexual investigations; sex, love and friendship* e *The philosophy of sex and love: an Introduction*. Como organizador é conhecido com o livro *The philosophy of Sex: contemporary readings*. Podemos ver três âmbitos na obra de Soble, com livros de sua própria investigação sobre a sexualidade, outro com um foco mais na estruturação de uma história da filosofia da sexualidade, e um último como uma forma de divulgação de temas e artigos importantes para uma maior consolidação do campo, que Soble se propôs a estudar. Esta gama de livros mostrou e gerou inicialmente uma forma específica de compreender a sexualidade.

A filosofia da sexualidade aborda alguns temas como: consentimento, procriação, celibato, casamento, adultério, sexo casual, prostituição, homossexualidade, masturbação, sedução, estupro, sadomasoquismo, pornografia, bestialidade, pedofilia, fantasias, poliamor, gênero etc. Todos os temas se relacionam de alguma forma com a sexualidade humana. A *Filosofia da Sexualidade* passou a abordar estes temas com algumas categorias analíticas, conceituais e/ou normativas. A análise conceitual se preocupa com uma definição do que seja o estupro, o adultério, celibato etc. Uma análise normativa da sexualidade se relaciona ao valor, a norma, a uma ética. O filósofo também propõe uma metafísica sexual otimista e uma metafísica sexual pessimista, metafísica no sentido em que tentamos definir o que é o desejo sexual. Do ponto de

vista normativo, outras categorias que ilustram a filosofia da sexualidade discorrem sobre a sexualidade como moral e imoral, lei natural e consentimento. Estes exemplos de abordagens e aberturas para o diálogo mostram como o debate a respeito da sexualidade na filosofia vem se estruturando dentro de um horizonte teórico mais amplo. Alan Soble já reconhecia este maior refinamento com relação aos conceitos no prefácio do seu livro *The philosophy of sex and love*:

Com o passar dos anos, o conteúdo destes cursos tem naturalmente mudado. Por um lado, eles ficaram mais analíticos, largamente em resposta ao fato que questões conceituais sobre sexo e amor estavam crescentemente sendo discutidas por filósofos profissionais. Por outro lado, questões sociais e políticas, foram agregadas e se tornaram mais sofisticadas e complexas (Soble, 2008. XV).

Soble teve um papel fundamental na *Filosofia de Sexualidade* desde as suas primeiras publicações até a criação da *Sociedade para a Filosofia do Sexo e do Amor*. Mesmo com a saída da direção desta entidade, Soble ainda continua sua investigação com relação ao tema. O livro mais recente do autor é: *Sex from Plato to Paglia: a philosophical encyclopedia*. Outra contribuição interessante do autor no nível de divulgação foram algumas páginas escritas para a *Internet Encyclopedia of Philosophy*. Após a saída de Soble, a Sociedade foi dirigida por Carol Caraway até 2007, e depois temos a direção de Helga Varden. Soble é a figura central no estudo sobre a sexualidade na filosofia, na criação da sociedade e na publicação de livros filosóficos e didáticos sobre o tema, pois este filósofo foi como um catalizador do discurso sobre a sexualidade, depois deste momento inicial da formação da sociedade da qual Soble organizava as múltiplas vozes, a filosofia da sexualidade ganhou outros rumos, porque já não se restringia ao solo norte-americano.

Neste artigo vamos abordar um texto da filósofa Yolanda Estes chamado *Prostituição: um posição subjetiva*, este artigo foi publicado na revista *Essays in Philosophy*, mas foi revisto pela autora e também está publicado no livro *The philosophy of sex: contemporary readings* e é o texto deste livro organizado por Alan Soble e Nicholas Power que vamos ter como referência. De início já se faz necessário colocar que Estes teve uma experiência com a prostituição e então faz uma análise moral *negativa* (a prostituição seria moralmente danosa) desta experiência, mas também, esta análise não deixa de ser filosófica. Este artigo, por sua vez, tem mais um

caráter descritivo do que analítico, porque o intuito é mostrar toda a argumentação de Estes, porém não deixo o viés crítico ao final do texto.

A Prostituição

A filósofa, Yolanda Estes, que faz parte da *Sociedade para a Filosofia do Sexo e do Amor*, têm artigos fecundos para o estudo da prostituição em um âmbito filosófico. O seu principal artigo *Prostituição: uma posição subjetiva* é uma reelaboração de outro artigo chamado *Reflexões morais sobre a prostituição* primeiramente publicado em *Essays of Philosophy* em 2001. Contudo, o segundo artigo publicado no livro *Filosofia do Sexo: leituras Contemporâneas* sofre algumas modificações interessantes, principalmente na sua abordagem do que a autora chama de uma subjetividade empírica.

A filósofa argumenta que a prostituição é moralmente errada, socialmente destrutiva e danosa em um nível pessoal. Para sustentar esta posição ela elabora quatro pontos importantes dos quais iremos perpassá-los. O primeiro diz respeito à prostituta como sujeito, e assim definindo o que é a prostituição. No segundo ponto é abordada uma *subjetividade transcendental*, a filósofa faz um pequeno estudo da prostituição com relação à filosofia kantiana. O terceiro ponto é uma *subjetividade fenomenológica*, neste momento há uma análise da prostituição a relacionando com a fenomenologia, que Estes entende em três aspectos diferentes de descrição (filosófica, real e conjectural). O quarto e último ponto, diz respeito a uma *subjetividade empírica*, na qual Estes expõe a sua experiência como prostituta.

O artigo de Yolanda Estes sobre a prostituição é fecundo no seu trabalho com o conceito de subjetividade no idealismo alemão. A autora leva em conta principalmente Immanuel Kant e Johann Gottlieb Fichte (dois expoentes do idealismo), contudo o momento em que o artigo fica mais comovente é quando a filósofa escreve da sua própria experiência na prostituição. Algo que também se torna um dos pontos fortes do seu argumento é o seu claro intuito de persuadir o leitor a ver a prostituição como uma atividade no mínimo problemática, pois a sexualidade sendo um aspecto essencial da

subjetividade, a pessoa que está nessa posição corre o risco de perder a si mesma, quando ela permite o outro usar o seu corpo como um mero instrumento.

A prostituição e as subjetividades

Yolanda Estes ao produzir uma reflexão filosófica, sobre a prostituição, nos apresenta primeiramente um entendimento do que é o ato de se prostituir. A prostituição é o sexo por troca de dinheiro, e o dinheiro exerce uma função fundamental nesta definição, pois ele é a motivação primária da prostituta. Com relação ao cliente ele procura uma gratificação sexual. A filósofa acrescenta um dado que é importante para a sua argumentação que é a *indiferença* dele com relação ao desejo sexual dela. Ela não precisa reconhecê-lo como alguém desejado, mas ele a paga para tal, e por sua vez, ela o envolve em uma ilusória atmosfera de confiança.

Entendido o que é a prostituição e sabendo que ambos têm conhecimento do que está sendo trocado, a filósofa passa a abordar a subjetividade da prostituta diante de tal situação. Ela leva em conta três aspectos: 1) a subjetividade transcendental; 2) a fenomenológica; 3) e a empírica. A primeira remete a filosofia de Immanuel Kant e Johan Gottlieb Fichte ambos têm uma ideia do sujeito transcendental. Estes entende o sujeito transcendental kantiano da seguinte forma:

A ideia do sujeito transcendental é o que resta depois do filósofo ter abstraído das características de personalidade ou subjetividade empírica. O sujeito transcendental pode ser visto na luz de sua capacidade teórica ou prática (como força de vontade). A partir disso, o sujeito transcendental é a prostituta como um agente moral separado de sua subjetividade empírica (Estes, 2008, p. 354).

O sujeito transcendental para Estes então seria o *Eu* sem suas qualidades individuais, a priori. O segundo aspecto ela nos fala sobre uma subjetividade fenomenológica. Fenomenologia é um termo caro para a filosofia, que para entendê-lo é necessário situar em qual autor o termo está vinculado. A autora trabalha este termo primeiro levando em conta três níveis, o primeiro é o entendimento da fenomenologia como uma descrição filosófica, relatando eventos isolados pela reflexão. O segundo nível é uma fenomenologia real, que trata de um relatório de eventos verdadeiros. O terceiro nível é o conjectural, e um estudo de eventos. Levando isso em conta a autora

escreve que: “o sujeito fenomenológico é o centro de perspectiva, ou ponte de referência para tal fenomenologia, a partir disso, o sujeito fenomenológico é a prostituta tratada como protagonista de uma descrição conjectural da prostituição.” (Estes, 2008, p. 355).

O último aspecto é sobre uma subjetividade empírica. Estes define como: “o sujeito empírico é uma personalidade individual repleta de características contingentes, assim como a história que se desdobrou sem um contexto espaço tempo específico. Nestas circunstâncias o sujeito empírico é a prostituta considerada como um indivíduo com uma história pessoal que inclui a prostituição.” (Estes, 2008, p. 355). A subjetividade empírica é um autorrelato, uma história, descrição de um determinado acontecimento levando em conta as experiências de um indivíduo. São as experiências em primeira pessoa. Perpassemos então estes três âmbitos do argumento da filósofa.

Subjetividade transcendental

Yolanda Estes ao perpassar o conceito kantiano de subjetividade transcendental e relacioná-lo com a prostituição refaz um pouco o *problema sexual kantiano*, contudo ele continua com o seu caráter principal de saber se está ou não usando o outro como um *meio*, quando uma pessoa deveria ser um *fim em si mesmo*. A autora expressa o problema da seguinte forma:

Toda a atividade sexual expressa subjetividade, mas nem toda atividade sexual envolve reconhecimento mútuo. Algumas refletem a tentativa de uma pessoa de determinar ou dominar o outro, ao receber o reconhecimento dela sem reconhecer de volta, sem concordar ou reconhecer sua influência e sua intenção e assim sem incorrer uma obrigação para com ela. Assuntos morais devem abandonar tais ações, porque elas pairam sob uma lei moral que declara, nas palavras de Kant "Age de tal forma que uses a humanidade, tanto na tua pessoa, como na pessoa de qualquer outro, sempre e ao mesmo tempo como fim e nunca simplesmente como meio". Este princípio demanda tanto a preservação e a promoção ativa da humanidade como um fim em si mesmo. Consequentemente, assuntos morais têm obrigações de adotar os fins morais de todos os seres humanos com consideração a sua grande perfeição moral, desenvolvimento humano geral e projetos auto determinados. Todas as suas relações, incluindo a sexual, devem exibir respeito mútuo (Estes, 2008, p. 354-355).

Problema do sujeito transcendental, a autora afirma levando em conta a moral kantiana, que as ações individuais transbordam para um eu transcendental, para toda a humanidade. Seguem-se então a afirmação de duas ideias. A de não usar o outro como

um meio para determinado fim, e que as ações de um indivíduo empírico são mais abrangentes que podemos imaginar, pois perpassa o conceito de humano.

É levando em conta essas duas ideias que Yolanda Estes vai afirmar o seu rechaço com relação à prostituição, em dois âmbitos, no âmbito individual e transcendental:

No caso da prostituta ela tem a intenção de usar o seu corpo como uma ferramenta para explorar os desejos do cliente. No caso do cliente ele tem intenção de tratá-la como uma coisa, em ordem de satisfazer seu apetite. Cada participante espera ser visto e tratado como um mero meio, para os fins de outro. Cada um abandona o reconhecimento completo do outro, e assim elimina a possibilidade de serem reconhecidos. Tal comportamento não pode ser interpretado como outra coisa além de uma afronta a humanidade em cada um de nós, e nos outros. Consequentemente, a prostituição é errada pelos padrões morais transcendentais. Também é questionável, de acordo com os outros padrões morais, na medida em que ela é prejudicial para o bem estar humano e destrutivo para as virtudes (Estes, 2008, p.356. *Itálico nosso*).

Para a autora a prostituição falha como uma interação humana saudável, na qual não se usa o outro e há um reconhecimento mútuo. A prostituta usa o seu corpo como uma ferramenta para explorar o cliente, e o cliente a usa como uma coisa para satisfazer o seu prazer, por isso não se tem um reconhecimento “completo”.

Na prostituição não teria um consentimento mútuo, desejo mútuo, ou uma preocupação mútua, ao menos não se teria estes aspectos de uma forma *clara*. A motivação primária da prostituta em trocar o sexo pelo dinheiro e a motivação do cliente de ter prazer independente da subjetividade da prostituta obscurece este reconhecimento – sem o reconhecimento a relação estaria truncada, não se completando, e esta incompletude na relação seria a própria degradação da prostituta e dos valores morais em seu sentido mais amplo.

Subjetividade Fenomenológica

Na análise fenomenológica, de Yolanda Estes vejo três ideias principais para o seu argumento, contra a prostituição. Uma é relacionada ao *perigo de um sentimento genuíno*, outra diz respeito a um *eu fragmentado* e a última é a *impossibilidade de um reconhecimento mútuo*, na prostituição.

Em uma relação sexual não prostibularia é permitido à falha, contudo na relação cliente-prostituta, a prostituta não tem este luxo. Ela tem que criar um véu, uma ilusão, que cobrirá o seu sentimento genuíno. Yolanda Estes salienta por parte das prostitutas o uso de “dispositivos teatrais” empregados para se resguardar dos sentimentos. Um destes *dramáticos dispositivos*, que a autora cita que as esposas e as namoradas conhecem bem é: excitar o outro fingindo o seu próprio excitamento. Nenhum sentimento positivo ou negativo deve ser *realmente* mostrado. Com relação a um sentimento positivo, se ela expressar algo deve ser como uma demanda dele. Levando em conta um sentimento negativo, como aversão, nojo, tais sentimentos não devem ser de forma alguma apresentados. Para manter-se distante de um sentimento genuíno, ela passa a tentar ter um controle total do corpo, sem deixar se perder em meio a sentimentos.

Esta ilusão que a prostituta inventa, este véu que é criado para protegê-la em um instante se desfaz, e é neste momento que a prostituta encontra o seu *eu fragmentado*. A tentativa dela é alienar-se do próprio corpo no ato sexual, mas após a atividade sexual ela encontra novamente com o seu corpo. Mas quando ela tem este regresso ao corpo, ele não é mais a mesmo, pois existem agora resíduos daquela relação que ela teve. A filósofa afirma que ela então encontra a sua pele de prostituta e todos os resíduos daquela relação. Estes estaria nos falando que existe um resíduo físico e psíquico, a prostituta não mais teria o mesmo corpo, mas ali já estaria acontecendo uma mudança corporal e incorpórea, ela não seria mais a mesma. Neste momento temos um ponto bem contundente no pensamento de Estes, de que até mesmo o sexo com consentimento, no caso da relação cliente-prostituta, não deixa de ser psicologicamente danoso e moralmente errado.

O último aspecto é a *impossibilidade de um reconhecimento mútuo*, o que leva toda a relação cliente-prostituta ao fracasso. Pela parte do cliente, de acordo com Estes ele espera que a prostituta reconheça a subjetividade dele. O cliente não quer somente uma máquina que estimule as partes que poderia excitá-lo, ele quer o reconhecimento de sua subjetividade, contudo ele não a reconhece totalmente, pois paga para ter uma gratificação sexual independente do desejo dela. A demanda dele se torna contraditória, pois, ao mesmo tempo em que ele quer que a sua subjetividade seja reconhecida, ele não reconhece a subjetividade dela. Pelo lado da prostituta, ela novamente tem que entrar

em seus jogos dramáticos, diante do desejo do cliente de reconhecimento ela produz uma ilusão de confiança. Poderíamos dizer que ela produz uma ilusão de reconhecimento, já que a prostituta recebe a demanda do cliente tentando fazê-lo expressar cortesia e delicadeza.

Subjetividade Empírica

Na análise empírica Estes faz um relato da prostituição, em primeira pessoa. Neste relato, ela envolve quatro grandes aspectos, do período em que trabalhava como prostituta, que por sua vez não é tão distinto de outras históricas de mulheres que se prostituem. Os quatro aspectos que a filósofa relata perpassam o *motivo pessoal*, um *cenário de amigos*, ou companheiros de trabalho, que também a ajudaram a entender o que ela estava passando. A relação com os *clientes* e por último o que ela chamou de *resíduos psíquicos*, que poderíamos entender como o sumo de tudo que ela passou. Esses resíduos são no final das contas, o que sobrou daquelas experiências no próprio corpo, e também na sua vida intelectual, já que a produção de artigos que ela desenvolveu sobre a sexualidade marca um período da vida da nossa autora.

O *motivo pessoal* de Yolanda Estes foi o dinheiro. Ela nos fala sobre a obrigação de sustentar um marido, que sabotava os seus esforços e também depois teve que sustentar uma criança. A falta de um diploma e de qualquer experiência profissional, também a levou a procurar este *emprego*, e depois com a criança ainda tinha os horários dos trabalhos. Dentro deste ambiente o *cenário* que ela encontra são outras mulheres, que vendem o corpo, em sua maioria para sustentar algum vício. Outras mulheres vinham de um histórico de abuso infantil, tantas outras tinham relacionamentos dramáticos, do qual sustentavam seus amantes. Os *clientes* que ela encontrava em sua maioria tinham suas esposas ou suas namoradas. A respeito dos clientes Yolanda Estes nos dá uma opinião pessoal que reflete em todo o seu artigo: “Eu nunca conheci um cliente que queria apenas conversar. Cada cliente queria alguma coisa sexualmente diferente, mas todos eles queriam o impossível”. Sabemos que este *impossível* que nos fala a autora é uma relação de reconhecimento mútuo. Devido a este não reconhecimento é que ficou em Estes os *resíduos psíquicos* – relações frustradas

emocionalmente, sexualmente, e envoltas em um véu de proteção que a protegia dos maus e dos também dos bons encontros.

Considerações finais

Uma análise do pensamento de Yolanda Estes com relação à prostituição envolveria claramente um exame da posição idealista, contudo antes de entrar neste caminho alguns outros aspectos são interessantes de serem salientados. Como por exemplo, uma ampliação do que é trabalhar com o corpo, porque *todos os serviços são corporais* e produzem mudanças incorpóreas, e se tem relação com uma produção de subjetividade. Um ponto vital é saber que tipo de subjetividade se cria, e Estes nos apresenta um belo exemplo pessoal, mesmo que seja problemático. Em sua experiência pessoal, ela nos mostra uma subjetividade degradada, ressentida e cheia de resíduos psíquicos de relações que estavam “destinadas” ao fracasso. Outro aspecto é o como vemos estes serviços corporais. Qual é o valor que se dá ao trabalho (e é necessário entender esta questão ao longo da história) e quais são os *preconceitos* e *estigmas* que temos com relação a eles. Por último é interessante salientar o efeito de um relato em primeira pessoa e a vontade de Estes de que este relato tenha um grau de universalidade, mas também, apontar os problemas de tal posição na tentativa de uma política de regulamentação da prostituição.

Convém observar que todo o trabalho é corporal, até mesmo o trabalho mais intelectual e contemplativo, e tem-se em geral um valor monetário em troca. Este dinheiro que há em troca do trabalho, pode ser bem visto ou não. Na Grécia Antiga, por exemplo, dava-se um maior valor para a contemplação e via com suspeita os que trabalhavam para a obtenção de determinada quantia, este é um dos aspectos da velha distinção entre os filósofos e os sofistas. Contudo, alguns tipos de trabalho sofrem um maior *preconceito* e são mais *estigmatizados* do que outros. O preconceito e o estigma têm relações serpentinadas com a história, porque eles em algum momento tiveram uma base para uma valoração negativa, porém este fundamento vai se perdendo ou se mostrando errôneo com o passar do tempo, mas eles podem se manter sem uma nova análise e assim permanecerem como algo válido, ou ao menos razoável, ou até mesmo ressurgir com novas características. Dois exemplos mostram-se fecundos para

entendermos esta relação do trabalho com o preconceito e a produção de estigmas, e ainda ver que eles estão na história, pois não são valores etéreos que não podem ser modificados. Estes valores são bem terrenos e são transformados no decorrer da história de acordo com a vontade dos seus protagonistas. Os exemplos são a respeito dos indígenas e das atrizes.

Um preconceito comum com relação ao índio é a cerca de uma *indolência* para com o trabalho. Os índios seriam *preguiçosos* e teriam uma aversão ao labor por terem uma economia de subsistência. E este preconceito é traiçoeiro, porque existe uma parcela de verdade. Os índios antes da colonização trabalhavam em suas terras, as cultivavam, pescavam, caçavam, mas diante da colonização e da tentativa do trabalho escravista eles sistematicamente recusavam o trabalho (escravo), e é deste ponto que surge a ideia de que o índio seria preguiçoso, teria uma aversão ao trabalho, mas esta aversão é política de resistência ao colonialismo e não uma antologia indígena de indivíduos não trabalhadores, a recusa indígena de nossos mitos e ilusões é que causa o preconceito, o rechaço que os ocidentais de modo geral tem contra eles. Ainda a respeito do trabalho indígena vale lembrar do antropólogo Pierre Clastres quando afirma que a economia indígena é uma economia de subsistência, mas essa subsistência é entendida como *recusa* a um excesso inútil da lógica de acúmulo essencialmente capitalista. Até mesmo haveria um excesso de produção, mas um “excesso, obtido sem sobretrabalho, [que] é consumido, consumado, com as finalidades propriamente políticas, por ocasião das festas, convites, vistas de estrangeiros etc” (Clastres, 2003, p. 2008). O preconceito também se dá quando não avaliamos, ou reexaminamos os nossos julgamentos morais, quando damos a um *adjetivo* esta realidade ontológica, quando coisificamos e petrificamos o que é devir e possibilidade de desenvolvimento.

Outro exemplo, com relação a estes preconceitos não examinados são as atrizes. Elas eram chamadas de prostitutas, por causa de seu trabalho e de fato existem algumas semelhanças entre a atriz e a prostituta, que uma moral demasiadamente puritana rechaça. As duas trabalham com o corpo e as duas “fingem”, atuam, Yolanda Estes chega mesmo a falar de seus “dispositivos teatrais”. Mas, o estigma com relação à atriz é maior devido a este corpo, a sensualidade da pele, que não é mais controlada pelo *masculino*. É o corpo que dança, finge, baila, beija, e desta forma a carne se torna pagã. É com uma intensa moralização deste corpo pagão que historicamente a atriz é aceita no

teatro, e depois com o afrouxamento da moral cristã juntamente com a demanda do capital que este corpo ganha outras formas.

Estes dois pontos são exemplos de como o conceito de trabalho pode variar e como pode existir um preconceito, por um trabalho exercido. No caso indígena, os colonizadores nem consideravam o trabalho que os índios tinham em suas terras como trabalho e ainda hoje existe uma política tão feroz quanto a do descobrimento se pensarmos no descaso governamental sobre o tema. No caso da atriz, o preconceito é vinculado com uma visão moralizante que existe, com relação ao corpo feminino. Contudo, os exemplos não terminariam aqui, um dos maiores preconceitos que fazemos com relação a uma profissão hoje é o *preconceito econômico*. Este é tão forte que, às vezes, parece o único valor, não é raro escutar uma determinada classe, que busca por mudanças indagar por “valorização da classe” e esta valorização, na maioria das vezes é sinônimo de valor monetário. A dignidade de um trabalho é medida com relação ao salário que o trabalhador recebe, e esta dignidade é uma construção social e cambiante.

Salientado o valor cambiante que existe com relação ao trabalho, podemos então relativizar o labor prostibular como mais uma forma de trabalho que sofre com o *preconceito* e com os seus *estigmas*. Assim sendo, a degradação pessoal da qual Estes nos fala não somente envolve uma relação complexa de reconhecimento mútuo, mas também estes dois pontos, preconceito e estigma. Ainda sobre este reconhecimento, talvez seja necessário salientar que ele não acontece sempre em vários outros âmbitos, porque vivemos em uma sociedade com os laços sociais atomizados e indivíduos cada vez mais socialmente autistas. Não há mais a preocupação de reconhecer o outro em um aspecto amplo, várias situações se apresentam sem qualquer reconhecimento. O filósofo Jean-Paul Sartre que também refletiu muito sobre este ponto na sua obra *O ser e o nada*, hoje talvez ficasse escandalizado com novas formas de sexualidade, pois este filósofo pensou que os indivíduos não querem amar robôs, não querem uma máquina, porque o indivíduo iria querer a liberdade encarnada na pele do outro. O espantoso seria ver tantos indivíduos abraçados com bonecas infláveis e se relacionando com elas, amando-as. O espantoso seria ver tantos indivíduos com relacionamentos via internet que somente se consumem a distância, sem a necessidade de um “corpo real”, da presença física. Além destes três pontos, preconceito, estigma e reconhecimento; é ainda necessário colocar a questão de uma possível regulamentação da profissão.

A regulamentação ou não da prostituição também reforça e cria a dicotomia do certo e do errado, na consciência da sociedade. A estrutura política da legalidade que tem o poder de representação de uma determinada categoria também produz determinadas formas de subjetivação. Mas ainda é necessário colocar que somente a regulamentação muito provavelmente não retiraria o preconceito e o estigma que estas trabalhadoras sofrem, todavia poderia ajudar na criação de outro ambiente. Poderia além do mais criar uma casa de prostituição segura que poderia ser fiscalizada pelo Estado, e não colocando as prostitutas a mercê de estruturas ilegais e desta forma, não possibilitando uma exploração sexual ou melhor gerando outro tipo de exploração, talvez menos violenta, trata-se de uma economia da violência. A regulamentação e uma fiscalização permitiriam, por exemplo, que estas mulheres se organizem em cooperativas e que avancem em conquistas trabalhistas. Diante deste aspecto políticos e teóricos vejo o esforço de Yolanda Estes, apesar de interessante, quase como um empecilho a determinadas políticas de regulamentação da prostituição. Ao mesmo tempo a sua argumentação chega perto da misoginia, porque mesmo que a prostituição seja em maioria por causa da miséria (como parece ser o caso da autora) há também a escolha de um sujeito de desejo pela vivência de determinado trabalho e de determinada sexualidade.

Referências:

- CLASTRES, Pierre. *Sociedade contra o estado*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- ESTES, Yolanda. Moral Reflections on Prostitution. *Essays in Philosophy*. Vol.2: Iss;2. Disponível em: <<http://commons.pacificu.edu/eip/vol2/iss2/10>>.
- _____. *Prostitution: a subjective position*. In: Soble, Alan; Nicholas, Power. *The Philosophy of Sex: Contemporary Readings*. 5 ed. Maryland: Rowman and littlefield Publishers, 2008.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: J.O, 1988.
- NUSSBAUM, Martha. “Whether from Reason or Prejudice”: Taking Money for Bodily Services. *Journal of legal Studies*. Vol. 27.1998. Disponível em: <<http://philosophy.uchicago.edu/faculty/files/nussbaum/Whether%20From%20Reason%20or%20Prejudice.pdf>>.

SARTRE, J.P. *O Ser e o Nada*. Tradução: Paulo Perdigão. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SOBLE, Alan. *The philosophy of sex and love: an introduction*. St. Paul, Minn.: Paragon House, 1998.